

Bispo de Pemba e o reinício do DDR:

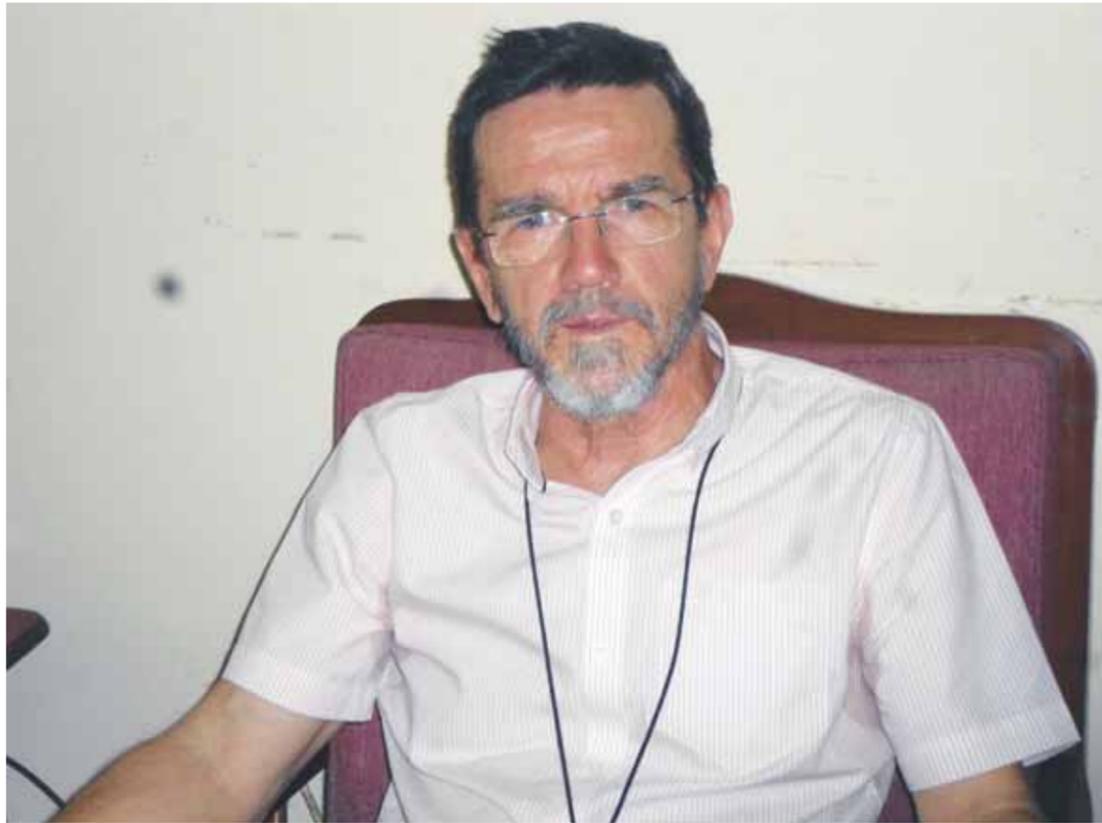
Paz verdadeira só quando houver democracia verdadeira

Por Armando Nhantumbo

Duas semanas depois da entrega de armas por 38 guerrilheiros da Renamo, nas matas de Savane, distrito de Dondo, em Sofala, um acto amplamente heroicizado como a derradeira etapa para a paz em Moçambique, o bispo da Diocese de Pemba diz que não é possível haver uma paz verdadeira sem uma democracia verdadeira. “Onde não há justiça social, direitos respeitados, dignidade da pessoa humana, não pode haver paz”, afirma Dom Luiz Fernando Lisboa, para quem Moçambique ainda precisa dar “muitos passos” para que seja uma verdadeira democracia. Mas o tema central da entrevista com o bispo de Pemba foi a situação calamitosa por que passa Cabo Delgado. Igual a si mesmo, Dom Lisboa diz que a província ficou esquecida durante muitos anos, mas chama atenção que, com uma parte da sociedade abandonada na periferia, sem acesso à educação, saúde, com falta de emprego e perspectivas, facilmente os jovens são levados por grupos insurgentes. Com os ataques a continuarem na província, o bispo não aceita a narrativa triunfalista de que os insurgentes estão acossados e fragilizados, como dizem as autoridades. Dentre vários outros recados, na entrevista que se segue em discurso directo, o também presidente da Comissão Episcopal de Justiça e Paz e secretário-geral da Conferência dos Bispos de Moçambique, critica o que chama de abismo entre ricos e pobres, num país onde, diz ele, temos milionários, mas com uma pobreza chocante.

Há 2 meses, dizia que Cabo Delgado vivia uma situação de isolamento e de abandono, de tal forma que nem parecia fazer parte de Moçambique. Qual é a situação da província, hoje?

Reclamei porque ficámos meses e meses sem que os noticiários, praticamente, apresentassem a situação de Cabo Delgado. Não se falava nada. E não fui só eu que reclamei. Uns jovens daqui até gravaram uma música dizendo que Cabo Delgado também fazia parte de Moçambique. Eu escrevi uma carta para o Santo Padre, relatando a situação que estamos a viver aqui e pedindo que ele rezasse por nós, por Cabo Delgado, pela nossa diocese. E, no dia da Páscoa, em Abril, ao fazer a bênção *Urbi et Orbi* [para a cidade de Roma e para todo o mundo], o Papa falou sobre as várias situações que estão a acontecer no mundo e citou, concretamente, Cabo Delgado: “as várias guerras na Síria, etc, como a crise humanitária de



“Não pode uma pessoa ou um grupo de pessoas lucrar sozinho à custa do empobrecimento dos outros” – Dom Luiz Lisboa

Cabo Delgado”. O Papa tem uma voz muito forte no mundo. Então, depois que ele falou, houve reações imediatas dentro e fora do país. No mesmo dia que o Papa falou, no domingo, o presidente da República e outras autoridades reagiram e, a partir de fora, começaram a chegar manifestações. Então, Cabo Delgado entrou no mapa e nós agradecemos, imensamente, ao Santo Padre por ter citado Cabo Delgado, por estar preocupado com a nossa situação. Não vou dizer que foi por causa disso, mas a partir daí também foram reforçadas as Forças de Defesa, que agora têm tido uma actuação mais forte.

Deslocados de guerra: “corta o coração de ver”

Mas, ainda que Cabo Delgado tenha entrado no mapa, a situação da província não está nada boa.

É. Não é que a situação tenha mudado para o melhor. O facto de ter entrado no mapa é porque muito mais pessoas se têm manifestado. Depois de eu ter dito, há dias, num programa da STV, que nós precisamos muito de oração, em primeiro lugar, mas precisamos de solidariedade concreta, interna e externamente, para atender a esta crise humanitária que a província está a passar, houve manifestação de pessoas que me telefonaram a dizerem “nós queremos ajudar a comprar comida”, porque foi isso que falei. Não é uma brincadeira. Nós temos mais de 200 mil deslocados. Uma coisa é dar comida para 500 pessoas, outra é dar comida para milhares de pessoas. É toda aquela gente para-

da nos acampamentos sem saber o que fazer. Parada. Quando chega alguém é uma novidade. Aquelas crianças todas, sem nenhum tipo de actividade; os adultos, as mães, corta o coração de ver. E as pessoas a dizerem: “olha, a comida que temos é pouca, dá para mais 2 ou 3 dias; faltam-nos panelas para cozinhar; não há tendas para todo mundo”. Nós vimos crianças dormindo ao relento, numa esteira apenas. Então, olhar essas coisas e não sentir nada só se a gente fosse de pedra. Mas somos humanos, por isso, dor do outro tem que doer em nós também.

Em quê que tem consistido o apoio da Igreja Católica a estas pessoas?

Desde o início dos ataques, passando pelo ciclone, a Igreja, através da Cáritas Diocesana, tem actuado, junto de várias Cáritas de outros países, outras organizações internacionais e em parceria com o próprio Governo. Não agimos à parte. Quando, por exemplo, vamos distribuir comida, as listas que usamos são aquelas que o Governo apresenta ou tem conhecimento.

Como é que tem sido o apoio nas zonas de difícil acesso por causa dos ataques?

Ultimamente, não temos ido aos distritos onde há ataques, porque não há passagem. Até 2 meses atrás, ajudávamos nesses lugares, mas devido à intensidade dos conflitos, eu também fiz um esforço de tirar os nossos missionários porque, olha, saíram as autoridades, saíram as pessoas dos entes públicos, hospitais, escolas, etc; saíram os próprios

administradores em vários deles; saíram as ONGs; por fim só estavam sobrando os missionários. Mas devido ao aprofundamento dos ataques, as táticas diferentes que começaram a usar, então, também tivemos de tirar os missionários. Os missionários estão aqui em Pemba ou em outros distritos, mas estão a sofrer porque gostariam de estar lá para ajudar o povo.

E, nessas situações, como é que o apoio chega a essas pessoas?

Infelizmente, nesses lugares, neste momento, não há ninguém que seja apoiado. Estamos apoiando aqui, em Pemba, Metuge e em outros distritos onde o povo está indo, como Montepuez, Ancuabe e Chiúre.

Estamos a falar de quantas pessoas a serem apoiadas pela Igreja?

É difícil apresentar um número agora porque, como disse, não é só a Igreja que está a trabalhar. Mas nós temos tentado fazer um trabalho conjunto em que não tenhamos listas repetidas, para que uma família não receba 2 ou 3 vezes e a outra não receba nada. Mas já foram milhares de pessoas ajudadas pela Igreja e por essas organizações.

Bispo, Cabo Delgado é um dos maiores focos da Covid-19 no país. Como é lidar com a pandemia Covid-19 ao mesmo tempo com a “pandemia” ataques armados?

Eu tenho dito que a pandemia Covid-19 está em segundo plano para nós. O que mais chama à atenção é a guerra. Nós estamos tentando, em paralelo com o programa da guerra, fazer um trabalho para mi-

nimizar os efeitos dessa pandemia. Por exemplo, em todas as entregas de alimentos, levamos máscaras para distribuir. Nós já fabricamos milhares de máscaras. Temos conseguido algum apoio para confecção de máscaras, também valorizando e utilizando as associações de costureiros locais. Já fabricámos mais de 20 mil máscaras e estamos a tentar ajudar na prevenção.

Não estará Cabo Delgado sob um barril de pólvora chamado covid-19 e ataques armados?

Com certeza um barril de pólvora porque as pessoas estão aglomeradas. A gente chega nesses acampamentos, as pessoas estão juntas, debaixo de uma árvore, sentando, conversando, muitas com máscaras, mas muito próximos; as pessoas se tocam.

Insurgentes: “como aceitar que estejam fragilizados e acossados?”

Se, por um lado, há vilas e aldeias a serem atacadas, pessoas a fugir das suas zonas, pessoas nas matas, crianças que perderam pais, por outro, há um discurso vitorioso das FDS, que dá conta de “abates de terroristas”, de os “terroristas estarem fragilizados e acossados”. Bispo sente que os insurgentes estão a ser fragilizados ou é o tal cinismo que doutra vez disse que não aceitava?

Como posso aceitar que eles estejam fragilizados se continuam a atacar? Como posso aceitar que estejam acossados se continuam a raptar nossos jovens e adolescentes? Há cerca de apenas uma semana, em apenas dois dias, raptaram 16 meninas entre as Aldeias de Xinda e Mbau, no distrito de Mocimboa da Praia. As FDS reforçaram suas tropas, porém, os atacantes mudaram suas táticas e, infelizmente, têm sido muito efetivas.

Nos últimos tempos fala-se de reforço militar no campo das operações, incluindo a entrada de empresas privadas de segurança para o combate aos insurgentes. Acha que este conflito será ganho apenas na frente militar ou é preciso pensar noutras frentes como o desenvolvimento socio-económico, a inclusão, o emprego de jovens, etc.?

Há coisas que devem ser pensadas para curto prazo, mas há outras para médio e longo prazos. Um exemplo do que deve ser feito a médio prazo é o investimento na educação. Não é possível esta província continuar esquecida. Claro que houve esforços do Governo, mas não foram suficientes. Se, por exemplo, olharmos para um distrito como Chiúre, que é o mais populoso de Cabo Delgado, temos ali - posso estar enganado - apenas 3 escolas



secundárias, para um distrito com um número de habitantes que tem aquele. Na região de Mazeze, com dezenas de aldeias à volta, os alunos só têm até a 7ª classe. Você vai para o outro lado de Chiúre, Catápua, um Posto Administrativo imenso, só tem até 7ª classe. Se este é o distrito mais populoso e está nesta situação, pode imaginar os outros. Outra área é a do emprego. Se não houver uma política de criação de empregos, sobretudo para a juventude, vamos continuar no atraso e nossa juventude vai ser cooptada para a delinquência, para as drogas, para a bandidagem.

“Cabo Delgado ficou esquecida” Disse que Cabo Delgado foi esquecido?

Cabo Delgado ficou esquecida durante muitos anos. Não se investiu suficientemente na educação. Os jovens têm pouco acesso à educação. O jovem que quiser estudar, ou vai ao centro da vila e viver mal na base de favores de outra família ou, então, ele fica sem estudar e desempregado. É, inclusive, por causa da baixa escolaridade, da falta de emprego, da falta de perspectivas, que muitos jovens são levados com esses grupos. Outra é a área da saúde. Há muito pouco acesso ainda à saúde. “Ah, mas ultimamente foram construídos hospitais”. Foram. Mas não bastam os hospitais. É preciso médicos, enfermeiros e medicamentos. Não basta ter uma unidade sanitária se não há medicamentos. Portanto, é mesmo preciso um investimento forte em Cabo Delgado. Não só em Cabo Delgado, nas outras províncias onde também há muita pobreza, mas neste momento Cabo Delgado é que é o foco. Se não houver investimento no emprego para juventude, na formação da juventude, investimento na área da saúde, é claro que vamos continuar nos piores índices de desenvolvimento humano não só em Moçambique, mas no mundo.

Na sua visita a Moçambique, em Setembro de 2019, o Papa Francisco venceu que a paz não é apenas ausência de guerra. Disse e passamos a citá-lo: “sem igualdade e oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, ha-de provocar a explosão”, acrescentando que, “quando a sociedade abandona, na periferia, uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças de ordem ou serviços secretos que possam garantir, indefinidamente, a tranquilidade”. O bispo vê alguma ligação entre o discurso do Papa Francisco com o que está a acontecer em Cabo Delgado?

Absolutamente, sim. Foi, exactamente, por isso, que o Papa Francisco falou o que falou. O Papa Francisco conhece a realidade de Moçambique. Nós, os bispos, apresentamos relatórios, então, quando o Papa visita um país, vai sabendo qual é a real situação. Então, esse discurso quer dizer, exactamente, isso: quando uma parte da população é abandonada na periferia, sem políticas públicas que atendam as suas necessidades, é claro que você vai formando vários barris de pólvora que, mais cedo ou mais tarde,

irão explodir. E a paz é fruto da justiça. Onde não há justiça social, onde não há direitos respeitados, onde não há dignidade da pessoa humana, não pode haver paz.

Como o bispo disse, há pouco, não é só em Cabo Delgado que deve haver desenvolvimento, igualdade, inclusão e oportunidades para todos. Os cíclicos conflitos que o país tem vivido, como o que actualmente se desenrola, ainda que de forma intermitente, no centro de Moçambique, não serão o resultado do facto de parte da sociedade estar abandonada na periferia?

Com certeza é. Quando o povo não tem instrução, não participa dos processos, é manipulado, é cooptado ou comprado com isto ou aquilo, é um terreno fértil para que essas coisas aconteçam. Todo o tipo de manipulação é predatória, é horrível e fere a dignidade do ser humano. As políticas públicas deverão ser pensadas com mais responsabilidade. Os órgãos do Governo, que devem fiscalizar, têm que ser mais actuantes pois quando não há fiscalização e punição, a coisa continua. Quando um caso de corrupção não é punido, a corrupção passa a ser tratada como uma coisa normal. Fala-se tanto de combate à corrupção. Se houvesse, de facto, uma fiscalização e uma cobrança e se colocasse na cadeia os corruptores e os corrompidos; se perdessem os cargos aqueles que têm essa prática, a sociedade poderia mudar. Se a corrupção tivesse punição exemplar, com certeza a situação melhoraria e haveria muito mais dinheiro e recursos para aplicar em políticas públicas que atendessem a população de baixa renda, os mais pobres e vulneráveis.

“Não há reconciliação”

Por falar do conflito da zona centro, vamos, em Agosto próximo, completar 1 ano depois da assinatura de um acordo de paz que se deu o nome de definitivo. Bispo, já estamos em paz definitiva?

Esqueceu de dizer que esse é o terceiro acordo de paz e com os mesmos intervenientes. Demos passos, mas paz definitiva ainda não temos. Não há segurança ainda na zona centro do país. Houve agora uma cerimónia de reintegração, de entrega de armas, que é um passo importante, mas não significa que está consolidado. Não está. Porque falta algo muito importante em Moçambique, que é a reconciliação. Por isso, os bispos, quando buscamos o lema para a Visita Apostólica do Papa Francisco, escolhemos “esperança, paz e reconciliação”. E, durante todos esses anos, a Igreja tem tentado falar muito desse tema da reconciliação porque é isso o que falta no país. Não há reconciliação. Não há respeito porque quem pensa diferente. É como se fosse obrigado todo mundo a pensar da mesma maneira. Quem pensa diferente é conotado com muitos adjectivos: ou é inimigo, ou é vagabundo ou é bandido. Mas é preciso respeitar o diferente. Não é possível que, por pensar diferente, alguém tenha que morrer, ser perseguido, ser vítima

Continua na pág. 4

PARA A PREVENÇÃO DA COVID-19, PAGUE O SEGURO A PARTIR DE CASA!

Pensando na sua satisfação e segurança, lembramos que temos soluções para que, a partir de casa ou escritório, pague o seu prémio de seguro, através das plataformas:



m-Pesa



ATM



e-Banking



Transferência Bancária



www.emose.co.mz



Para informações sobre a situação do pagamento do seu seguro, ligue para os números:



21 35 66 00 / 1
84 22 71 453
84 32 27 586 / 7 / 8

seguro com garantia

Continuação da pág. 3

de sequestro, de tortura. Uma paz verdadeira acontece também quando há uma democracia verdadeira. **Não há uma democracia verdadeira em Moçambique?**

Moçambique ainda precisa caminhar muitos passos para que a democracia seja mesmo de facto verdadeira. Quando jornalistas são perseguidos, quando aqui em Cabo Delgado – e Cabo Delgado está em Moçambique – os jornalistas não podem fazer o seu trabalho, quando temos um jornalista desaparecido há mais de 2 meses, o Mbaruco, como é que nós podemos falar de democracia verdadeira e plena? Já há muitas liberdades, mas ainda precisamos de aperfeiçoar essa democracia e isso se faz quando os governantes cumprem os seus manifestos. O papel aceita tudo, é muito fácil ter um programa bonito, mas é preciso cumprir. Os pobres devem ser os primeiros a serem atendidos. Qualquer polí-

tica pública que não atenda os mais pobres e vulneráveis, é falsa. Então, os poderes precisam de cumprir o seu papel, tanto o legislativo, quanto o executivo e o judiciário. Os poderes são interdependentes, eles não são o mesmo poder. Um tem de fiscalizar o outro. A sociedade civil deve cumprir o seu papel. Tem de reagir, participar, acompanhar, exigir. Hoje temos uma sociedade civil um pouco melhor organizada, há mais gente que fala, há mais organizações que falam, mas isso precisa se aprofundar ainda mais e não pode ser visto como gente que gosta de fazer confusão. Nada disso, na democracia há liberdade de expressão, há direito à informação, então, é preciso respeitar a opinião divergente. Na sociedade civil não deve haver protagonistas, pessoas que querem caminhar sozinhas. Deve haver mais união para que a sociedade civil possa estar bem representada, possa ser mais forte e faça valer a sua voz.

“Temos milionários, mas somos dos mais pobres”

Não resistimos a citar, mais uma vez, o Papa Francisco, quando falava da necessidade de se defender o que chamou de casa comum, Moçambique. Disse o Papa que “Moçambique possui um território cheio de riquezas naturais e culturais, mas paradoxalmente, com uma quantidade enorme da sua população abaixo do nível de pobreza”, chamando atenção para que as riquezas do país sejam colocadas ao serviço de todos, especialmente dos mais pobres, quando se constata uma tendência à pilhagem e espoliação guiada por uma ânsia de acumular. A pergunta é: o que justifica esse paradoxo de país rico, mas com quantidade enorme da população pobre e quem são esses que nos pilham os recursos guiados por essa ânsia de acumular?

As injustiças começam quando o

ser humano depreda, pilha, usurpa como se o recurso fosse só de uma pessoa ou de um grupo. Aí ele está devastando a casa comum. E aí começa o abismo entre ricos e pobres. É o que acontece em muitos países e aqui em Moçambique também. De facto, Moçambique é um país muito rico em recursos. Aqui nós temos alguns milionários, mas somos um dos países mais pobres do mundo. Toda a riqueza tem de ser repartida; sobre toda propriedade pesa uma hipoteca social. Não pode

uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma empresa lucrar sozinho à custa do empobrecimento dos outros. Qualquer recurso deve ser revertido em benefício de toda a população, que é a primeira dona do recurso. Por exemplo, Cabo Delgado poderia, com os recursos que tem – rubis, ouro, grafite, e o gás agora, além de outros – ser uma província do primeiro mundo e até fazer com que Moçambique saia da situação em que está.

Dívidas ocultas: “não basta” serem declaradas nulas

Numa entrevista ao SAVANA, ano passado, o bispo mostrava-se reticente em relação ao desfecho das dívidas ocultas, dizendo que esperava que passassem as eleições para ver se havia ou não vontade genuína por parte da Justiça moçambicana em esclarecer o caso. Qual é a sua leitura, hoje, sobre o caso?

As 3 empresas já foram declaradas nulas. Mas não isso basta. Todo o dinheiro desviado vai voltar aos cofres públicos? O Estado vai continuar pagando uma conta que o povo não fez? Os responsáveis por esse escândalo vão ser levados às barras dos tribunais? É isso que o povo está à espera. As eleições passaram e continuo reticente como a imensa maioria do povo moçambicano.

É por isso que disse que se fossem colocados na cadeia os corruptores e os corrompidos a situação do país seria melhor?

Com certeza. A Justiça é para todos. Nós, como Igreja, fazemos nosso apostolado também nas cadeias. Acompanhamos muitos casos de pessoas presas nas suas aldeias porque brigaram e feriram outrem ou porque roubaram galinha, muitas vezes sem o devido processo, esquecidas nas cadeias. Por outro lado, pessoas que desviaram milhões ou bilhões de fundos públicos estão soltas. Estão acima da lei? Mas a lei é para todos! Se o pobre paga por um erro que fez, aquele que não é pobre, mas que também agiu fora da lei, também tem que responder diante da justiça. Então, o que o povo e todos esperamos é que esse processo não caia no esquecimento. Os Tribunais têm de funcionar. A sociedade civil tem de estar alerta para que não deixe isso acontecer. A sociedade civil tem de gritar e os culpados têm de responder por aquilo que cometeram.

Dizia-nos, também, nas vésperas das eleições de 2019, que tinha esperança de que a descentralização, nomeadamente, a eleição do Governador provincial, podia trazer um benefício muito grande para o país. Sente o benefício de o país ter avançado para a eleição do governador, quando hoje temos um secretário de Estado todo-poderoso?

Penso que foi um passo muito importante. Mas ninguém pensava em outras figuras que foram inventadas depois. Então, estamos passando,

agora, por uma experiência, que é muito cedo para avaliar. Vozes já se levantam na sociedade sobre quem é que manda. Talvez o ideal era que todos os cargos executivos fossem electivos. Aí a democracia iria aprimorar.

Os seus detractores: “são cobardes”

O bispo tem sido admirado pelos sectores progressistas da sociedade moçambicana pela sua verticalidade na forma como aborda os assuntos do país, mas, ao mesmo tempo, e como já disse, pessoalmente, há campanhas difamatórias que são promovidas por pessoas que não gostam da verdade. Que pessoas são essas?

As pessoas que não gostam da verdade, muitas vezes batem e escondem a mão. As pessoas que não gostam da verdade, muitas vezes são cobardes. Elas não lhe enfrentam, directamente, não lhe dizem as coisas olhando nos olhos. Elas dizem através de outros, mandam recados, inventam, denigrem. O ser humano é assim. Ele tem uma capacidade imensa para realizar coisas boas e belas, que edificam, que ajudam no bem comum, mas, às vezes, por não gostar da verdade, por gostar de enganar, quando alguém lhe aponta a verdade, então, dói e aí tenta de todas as maneiras desestabilizar, denegrir, inventar, enfim, aniquilar a pessoa que disse a verdade. Então, eu não sinto que seja um ataque a mim. Na verdade, é um ataque à voz da Igreja, que sempre procura traduzir a voz daqueles que não têm voz. Quando a Igreja se afasta da verdade, ela não é a verdadeira Igreja. Mesmo que isso lhe doa, mesmo que isso lhe custe, a Igreja tem de estar do lado da verdade.

Como é que recebeu aquela publicação do jornal “Público”, um instrumento de propaganda do partido Frelimo, que o acusou de incitação à violência, ódio, desunião e desrespeito aos símbolos nacionais e de estar a criar divisões e racismo na diocese?

Eu não vou comentar porque não quero dar publicidade a quem não merece. Não sei a quem pertence porque não me interessei. Eu penso que muitas vezes pessoas que fazem isso baseados em invenções, em difamações, em mentiras, ficam desmoralizadas pelos seus actos. Então, não vale a pena comentar.

“A província está a parecer um queijo suíço”

Está a dizer que os ricos recursos de que Cabo Delgado dispõe estão a ser uma maldição em vez de bênção?

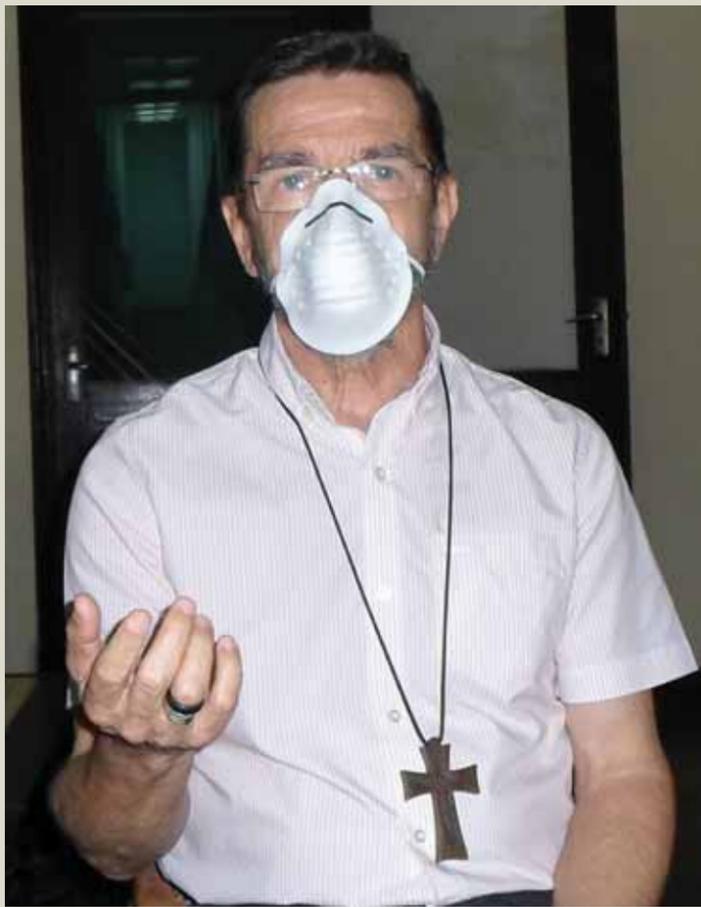
Até agora, os recursos têm sido uma maldição. Famílias foram retiradas dos seus locais de habitação; perderam suas machambas, parte da sua cultura e história porque cemitérios foram devastados. Muita gente ainda não foi indemnizada e não tem onde ficar. E parece que a província toda está a ser esquarterada e concessionada para grandes empresas multinacionais. Quanto de terra vai

sobrar em Cabo Delgado para o cultivo, para as pessoas plantarem e tirarem o sustento? A província está a parecer um queijo suíço, toda esburacada por causa dessas situações. Se não houver um controlo e justa distribuição das rendas, então, a população nunca vai se beneficiar. **O que estará a falhar aí?** São muitas as falhas. A lei é muito clara e protege as comunidades locais. Quando se faz uma concessão, a comunidade deve ser consultada e não 4 ou 5 pessoas cooptadas para falarem em nome da comunidade. Isso não tem acontecido aqui em Cabo Delgado e em outras partes do país. Saltam-se várias partes do

processo. Tudo é feito de uma maneira impositiva e apressada. Algumas pessoas são cooptadas, decidem pela comunidade e a população já é expulsa da terra. O resultado é que poucas pessoas ganham com isso. Se pensarmos, por exemplo, nos rubis de Montepuez que dizem que são da melhor qualidade do mundo... e a gente houve falar de leilões e leilões de bilhões de dólares, perguntamos-nos: em que que a população está sendo beneficiada?

Não está a ser beneficiada?

Nós estamos aqui e não estamos a ver os benefícios para a população. Isso não se traduziu em educação massiva e de melhor qualidade. Isso não se traduziu em um melhor atendimento sanitário às populações. Não venham me falar de hospital-ambulância, que isso para mim é quase uma brincadeira. Portanto, quando os processos são feitos de maneira errada, predatória e injusta, os recursos tornam-se uma maldição e não uma bênção. Mas eu não estou dizendo que é sempre maldição, eles devem e podem ser uma bênção. Nós temos exemplos de vários países aqui na África. Posso estar errado porque não conheço bem, mas eu fui uma vez ao Botswana e não vi pobreza. É uma pobreza que não choca porque os cidadãos têm acesso às políticas públicas que atendem às suas necessidades básicas (habitação, educação, saúde, segurança...). Em Moçambique é uma pobreza chocante porque esses acessos são muito pequenos. Em Botswana não vi, mas sei que há recursos também. Talvez os Governos tenham trabalhado bem e a população, como um todo, se beneficiou dos recursos.



“Quem pensa diferente é conotado com muitos adjetivos: ou é inimigo, ou é vagabundo ou é bandido”